Veto à semana inglesa já tem partidários na Câmara

JORNAL DE BRASÍLIA

O possível veto do governador Joaquim Roriz ao projeto de implantação da semana inglesa começa a ganhar adeptos na Câmara Legislativa, antes mesmo de a medida ser concretizada pelo Executivo. Duas semanas após a sua aprovação por unanimidade no plenário da Casa os deputados distritais José Edmar (PSL), Jorge Cauhy (PL), o líder do governo Maurício Silva, o líder do PTR Manoel de Andrade anunciam por antecipação sua tendência favorável a uma decisão contrária do governador à matéria.

Reforça este contexto o discurso da maioria dos parlamentares afirmando que houve "precipitação" na avaliação do projeto e de sua repercussão na sociedade, posição assumida pelos deputados Jonas Vettoraci (PDT), Rose Mary Miranda (PTR), José Ornellas (PL), Edmar Pirineus (PDT), Gilson Araújo (PTR). Embora todos defendam seu voto favorável ao projeto e à implantação da semana inglesa — abertura do comércio de segunda a sexta de 8 às 22 horas e aos sábados das 8 horas às 12 horas — existe um "constrangimento" pela reação negativa do texto junto à sociedade e a possibilidade de demissão de trabalhadores alegada pelos patrões como conseqüência da sua efetivação.

Veto

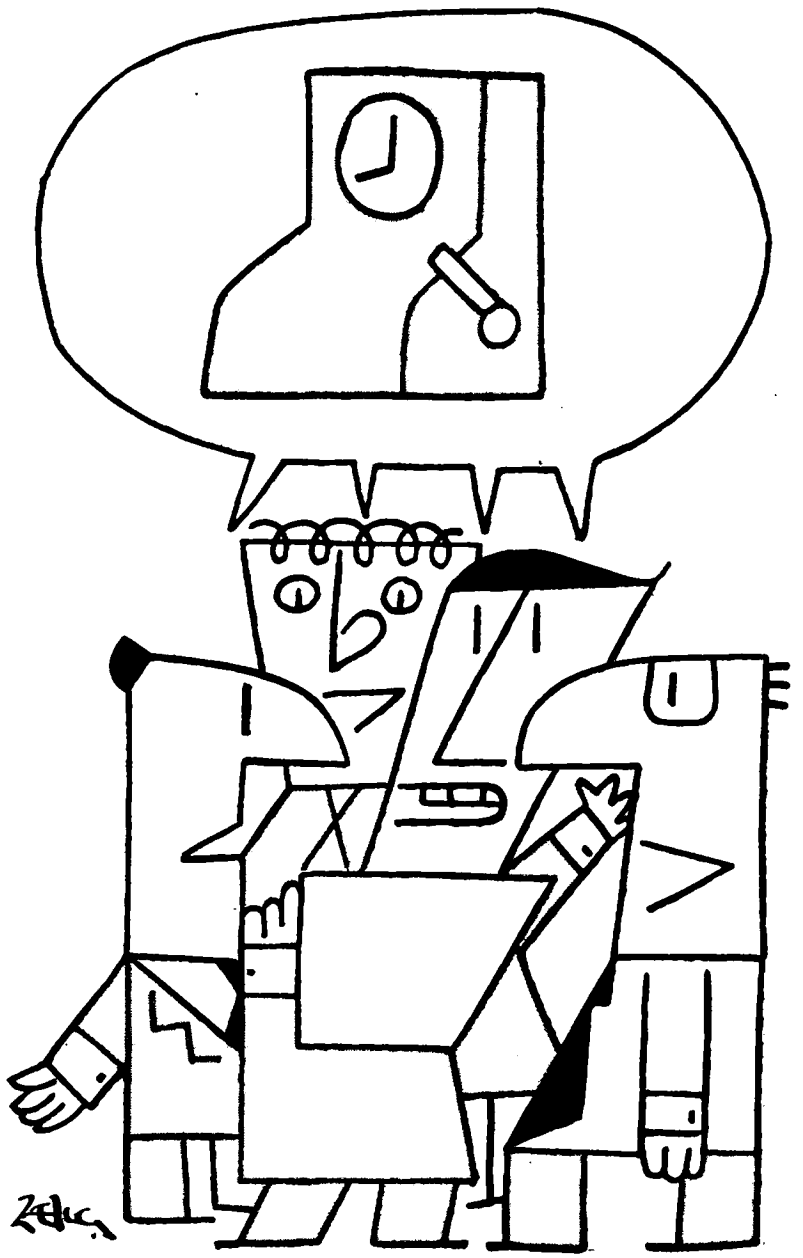
O deputado José Edmar (PSL) assumiu ontem de público sua posição favorável ao veto. Autor do requerimento que solicitou a aprovação do projeto em regime de urgência assinalou que esta sua posição foi um comportamento de pessoa "inexperiente" que acabou por fazer com que o "tiro acabasse saindo pela culatra". Isto porque sua intenção era a de gerar empregos e não demissão.

Jorge Cauhy (PL) acompanha José Edmar na sua defesa do veto e afirma que foi enganado por um acordo de última hora que forçou sua mudança de voto. "Sempre fui contra a semana inglesa e continuo sendo. No dia da votação da matéria meu voto foi favorável porque me convenceram que as emendas que queria passaria. Isto não aconteceu", assinalou.

Para o líder do PTR, Manoel de Andrade, um veto parcial seria necessário. "O Artigo 4° do texto dá superpoderes ao Sindicato dos Comerciários. Um dono de quitanda que queira abrir seu comércio aos sábados ou domingo teria de negociar com a entidade. Isto é um abuso", frisou.

Menos enfático, o líder do governo, Maurílio Silva, revelou que "como homem público" não pode admitir o "comércio fechado, desemprego no setor e, conseqüentemente, mais fome, como um fato normal". "O projeto está certo na teoria, mas na prática está errado, o sindicato dos comerciantes vai endurecer com os empregados", disse.

Para Benício Tavares (PDT), entretanto, o projeto foi aprovado com o texto certo. "Ele prevê que o sindicato negociará sobre a abertura do comércio com os patrões. É esta entidade que representa a categoria. Não vejo porque seu teor tenha de ser mudado. Se o veto ocorrer, votarei de novo a favor da semana inglesa e defenderei a revisão da matéria através de um amplo debate com a sociedade", ressaltou.



Mais de 73% não aprovam horário

O Sindicato do Comércio Varejista constatou através de uma pesquisa realizada pela WHO Consultoria e Informações de Mercado, que 73,5% dos consumidores do Plano Piloto não apóiam o fechamento do comércio ao meio-dia nos sábados. Do total de 400 entrevistados, 24% são favoráveis ao novo horário para o funcionamento das lojas. Os demais foram indiferentes ou indecisos.

O vice-presidente do Sindicato, Lázaro Marques, explica que esta foi uma pesquisa preliminar. Segundo ele, a partir do próximo domingo a Associação Comercial, os shoppings, o Sindicato do Comércio Varejista e de Carnes iniciarão uma campanha com o objetivo de esclarecer a população sobre o assunto. A campanha abrangerá os veículos de comunicação.

Nova pesquisa

Após o quarto dia de divulgação, uma nova pesquisa será feita com um número maior de entrevistados. As entidades envolvidas poderão ainda verificar a opinião dos freqüentadores de shoppings e supermercados de Brasília através de um plebiscito informal que não foi confirmado até agora. Lázaro Marques afirmou que os empresários pretendem esclarecer que "o comerciário não é escravo".

Embora a população das cidades-satélites não tenha prestado seu depoimento sobre a implantação do novo horário para a abertura do comércio até agora, o Sindicato do Comércio Varejista acredita que ela terá argumentos mais fortes do que o consumidor do Plano Piloto para não apoiar a semana inglesa. O vice-presidente do Sindicato assegura que as demissões serão inevitáveis.

A pesquisa realizada pela WHO entrevistou pessoas entre 15 e 45 anos. A maioria era composta de funcionários públicos e de empresas privadas. A margem do erro para este trabalho é de 5%. A próxima pesquisa deverá ser feita por outra empresa de pesquisa, a MS/C. Esta etapa preliminar procurou saber apenas se os consumidores apóiam ou não a implantação da semana inglesa em Brasília.